



DE MÚSICA

MALCOLM SARGENT — A Inglaterra conta hoje no número de seus valores nacionais a Malcolm Sargent, que, ainda há pouco, era esperança cada vez mais prometedora. Ufana-se de o contar entre o seu escol de artistas de primeira plana e, aqui para nós, tem razão.

Recentemente, o maestro Malcolm Sargent dirigiu a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional de Radiodifusão em três concertos da presente temporada do «Círculo de Cultura Musical». Os concertos efectuaram-se em São Carlos e em qualquer dêles tomou parte Guilhermina Suggia.

Ouvi dois dêles — o segundo e o terceiro — e o que ouvi chegou e sobrou para aquilatar do real merecimento do regente. A orquestra — cuja disposição nunca vira adoptar até hoje, mas que tem real interêsse: os violoncelos no lugar habitual dos segundos rabecas, etc. — parecia outra, com maleabilidade sonora a que não estamos habituados, com melhor qualidade de som e maior coesão.

Os programas, quási todos compostos por obras novas (novas para mim), não permitiram apreciar o maestro Sargent quanto a expressio-nismo, mas patentearam iniludivelmente o mérito do ensaiador.

É certo que os nossos músicos quando tocam sob a direcção de um estrangeiro capricham em não querer fazer má figura e tocam com disciplina, atenção e boa-vontade que estão longe de empregar quando sob a batuta de maestro de casa; mas não o é menos que os maestros estrangeiros (abstraindo da questão de maior ou menor competência) põem nos ensaios outra soma de esforços que não os da casa, para quem o ensaio se pode comparar a um frete, ou não passa de mera justificação para receber o ordenado no fim do mês.

De entre as obras executadas em primeira mão, a mais difícil foi, sem dúvida, a *Sinfonia*, de Guilherme Walton, peça ouriçada de coisas tremendas, bastando citar as como-chicotadas sonoras feitas pela orquestra, tôda em *staccati*. Pois a orquestra tocou-as com rara precisão, o que denotou muito aproveitamento de ensaios e indiscutível prestígio e clareza da batuta do maestro Sargent. Tive a impressão que o ilustre regente não gosta da obra de Walton, talvez por causa de sua formação musical feita ao órgão. Digo isto porque as peças cuja urdidura se aproximava da escrita do órgão encontraram no maestro Sargent intérprete de rara delicadeza — v. g. os trechos de Delius e, sobretudo a admirá-

vel *Fantasia sobre um tema de Tallis*, de Vaughan Williams, que foi dada fazendo realçar os mínimos pormenores.

Como acompanhador achei-lhe senões. Eu sei que Guilhermina Suggia é talvez a artista mais difícil de acompanhar que existe, porque toca sempre ao sabor da disposição de momento e nunca segundo uma fôrma, por assim dizer. Mas, toque assim ou assado, o perfeito acompanhador deve seguir rigorosamente a interpretação do solista (mesmo que a julgue errada ou dela não goste) e nunca de outro modo, isto para que não dê lugar a divórcio-estético (quer sob o ponto de vista agógico, quer sob o dinâmico), como sucedeu em mais de uma passagem do *Concêrto*, de Elgar. V. g. a alturas tantas a solista fez «rubatos», ralentandos e suspensões (que de facto o autor não pôs lá); pois êsse mesmo desenho melódico era imediatamente reproduzido pela orquestra sem rubato, nem ralentando, nem suspensões, parecendo (e sendo...) outra coisa.

★

Concertistas ou destros, como dizia D. (*lê-se dom e não dê*) Francisco Manuel de Melo, há-os de duas qualidades — académicos e de temperamento. Ambos dominam a técnica dos respectivos instrumentos, mas ao passo que os primeiros são, por assim dizer, escravos das obras que executam, os segundos coam-nas através da sua sensibilidade.

É de ver que no concertista académico a personalidade dilui-se, se não existe de todo. Pois no concertista de raiz (chamemos-lhe assim) a personalidade forte actua em primeiro lugar e condiciona tudo.

O académico toca e chega por vezes a cantar, mas toca e canta calculadamente, com o cérebro; as suas realizações são filhas de muito estudo e de pervicaz labor.

O destro de temperamento canta mais do que toca e fá-lo com a alma. As suas realizações têm muito de espontâneo e sofrem a influência da disposição de momento.

O primeiro impõe-se-nos com sua arte perfeita e vista a frio.

O segundo arrebatá-nos e deslumbra-nos com o fogo da sua arte, às vezes pecante em questões de pormenor.

O concertista académico tem a preocupação de nos transmitir a obra com a maior exactidão possível; o outro interpreta-a a seu modo e dá-nos uma versão pessoal, que pode ser discutível, mas que é sempre sincera e cheia de vibração.

Há quem prefira os primeiros aos segundos e reciprocamente.

Eu vou pelos últimos, porque são muito mais raros, embora veja o perigo que os leigos podem correr de acreditarem por artista-de-eleição um vulgar trapaceiro.

Guilhermina Suggia é, incontestavelmente, concertista de temperamento.

Sua personalidade musical, de rara pujança, impera nas obras que executa. Mas, porque é um temperamento — e de eleição! — carece de *cantar* para se expandir livremente, porque o *canto* é a linguagem da alma do verdadeiro artista. Por isso quanto mais de concepção vocal forem as obras que toque, tanto mais as suas interpretações e realização nos fascinarão. Por isso também quando as obras que executar sejam de con-

cepção instrumental, ela não logrará estar à vontade e ficar-se-á aquém das suas larguíssimas possibilidades, porque as não pode *sentir*. É como se se engaiolasse um rouxinol.

O *Concêrto* de Elgar está nesses casos. Não é obra que a insigne violoncelista sinta. Por isso é desigual na sua interpretação, nunca pode ser — tocando-o — Suggia cem por cento, e pode tocá-lo mais ou menos bem.

Já com as *Variações sinfónicas*, de Boëllmann e, sobretudo, no *Concêrto em ré maior*, de Haydn & C.^a (digo assim porque o verdadeiro concêrto de Haydn é muito mais simples e... mais belo) não se dá o mesmo.

E ao ouvi-la *viver* êste concêrto tudo esquece e tudo se perdoa, v. g. a desafinação ou quejando pormenor.

A artista sobrepuja tudo, devém gigantesca e faz-nos extasiar ante os tesouros que Deus lhe deu, ao mesmo tempo que a sua arcada maravilhosa nos deixa perplexos.

A primeira vez que tocou o *Concêrto* de Elgar o público tributou-lhe a maior ovação a que tenho assistido em S. Carlos. Todavia — a fazer fé pelos dizeres de uma entrevista que os jornais publicaram — a grande artista deve tê-la agradecido, mas não aceitado, porque deveria estar convencida de não ter sido feliz.

Dias depois, quando o tocou segunda vez, foi muito aplaudida, mas... muito menos que na anterior. E — caso curioso — Suggia tinha tocado muito melhor!...

Outra nota de interêsse: Quando, ao tocar o *Concêrto* de Haydn & C.^a, a insigne artista portuense exhibia uma arcada magnífica, soberana, prodigiosa — uma arcada a que não conheço par — vi várias «sumidades» com os lábios crispados por desdenhoso sorriso... Tal esgare pretendia traduzir superioridade, denotando desprezo pelo género amaneirado da composição, mas, no fim de contas, só mostrava inferioridade, porque traduzia, iniludivelmente, ignorância crassa em matéria de técnica instrumental.

Esta actuação da Senhora Dona Guilhermina Suggia de Carteadó Mena, apesar da publicidade torrencial que teve, não me fez esquecer as anteriores — em São Carlos, com «Filarmónica» e o maestro Francisco de Lacerda, e no Tivoli, com o maestro Pedro de Freitas Branco. Antes pelo contrário.

MARGINÁLIA

— O desmedido tamanho da crónica passada obrigou-me a pôr de lado alguns assuntos, entre os quais a morte de António de Andrade e a passagem do primeiro centenário do nascimento de Miguel Ângelo Pereira. Reparo agora a forçada omissão, se bem que não com o desenvolvimento que mereciam.

António de Andrade, que foi a enterrar em 19 de Dezembro último, morreu com 89 anos. Dera-lhe Deus voz de tenor extensa e fácil, mais sonora e bem timbrada nos agudos que nos graves. Possuidor de avondados meios, foi-se para Itália, por lá andou estudando, com seu irmão Francisco, e veio a estrear-se em Varese, na *Favorita*, de Donizetti, em Dezembro de 1882. O irmão — barítono de voz volumosa, se bem que de timbre desagradável — foi cantor notável e actor consumado; sua inter-